



RAQUEL SÁLVIA BORGES

Jorge Luis Borges e Franz Kafka em diálogo a partir do conceito de metáfora: uma análise de *A Metamorfose*

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em 20/08/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFFS)

Prof. Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Me. Jozilaine de Oliveira (UFFS)

Jorge Luis Borges e Franz Kafka em diálogo a partir do conceito de metáfora: uma análise de *A Metamorfose*¹

Raquel Sálvia Borges²

raquel.borges@estudante.uffs.edu.br

RESUMO: Este trabalho analisa as relações entre Franz Kafka e Jorge Luis Borges através do conceito de metáfora, tomando *A Metamorfose* (2011) como eixo central. Enquanto Kafka opera uma radical literalização metafórica, Borges explora a metáfora como veículo de universalização, conectando imagens literárias a tradições transhistóricas. A pesquisa estrutura-se em três eixos: (1) a metáfora como instrumento cognitivo; (2) a materialização kafkiana do absurdo; e (3) os ensaios borgeanos, que reinterpreta Kafka como criador de seus precursores. A análise demonstra como esses autores representam vertentes complementares da modernidade: Kafka com sua abordagem existencial e corpórea, Borges com sua perspectiva universalizante. O estudo destaca ainda como a intertextualidade, conforme proposta por Borges, transforma nossa leitura do cânone literário, situando Kafka como figura central na redefinição das relações entre linguagem e realidade. Conclui-se que o diálogo entre essas concepções de metáfora, como experiência concreta em Kafka e como conexão cultural em Borges, amplia tanto a interpretação textual quanto a compreensão do fazer literário moderno, revelando a metáfora não como mero recurso estilístico, mas como operador fundamental na construção de sentidos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora; Franz Kafka; Jorge Luis Borges; *A Metamorfose*; Literalização.

Introdução

O século XX, marcado por guerras mundiais, crises existenciais e a desestabilização de paradigmas, viu emergir uma produção literária que refletia a complexidade da condição humana em tempos de ruptura. Essa literatura moderna surge em um contexto de profundas transformações sociais, políticas e filosóficas, ao se tornar um espaço de experimentação, na qual os autores buscavam novas formas de expressão que pudessem abarcar as constantes incertezas e transformações do mundo contemporâneo. Nesse panorama, dois escritores se destacam pela profundidade e originalidade de suas obras: Jorge Luis Borges e Franz Kafka. Enquanto Kafka explora temas como alienação e a relação do indivíduo com uma realidade opressiva, Borges investiga questões ligadas à natureza do tempo, da realidade e dos chamados labirintos intelectuais que desafiam a percepção humana.

A literatura moderna não se restringe a um estilo ou movimento específico; é multifacetada e incorpora uma variedade de formas e técnicas que subvertem as construções

¹ Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientador Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro.

² Acadêmico(a) da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFFS, *Campus* Chapecó.

narrativas tradicionais. Caracteriza-se pela fragmentação da experiência, pela multiplicidade de perspectivas e pela exploração do subconsciente. Segundo o crítico literário M.H. Abrams (1999), a literatura moderna se define pela presença do "outro", que desestabiliza as interpretações convencionais e introduz novas camadas de sentido.

Nesse contexto, a metáfora se apresenta como uma possibilidade na articulação de sentidos, transcendendo sua função meramente estilística. Borges, em seu ensaio *La metáfora* (2004), argumenta que existem poucas metáforas essenciais, sendo as demais variações dessas matrizes. Ele menciona, por exemplo, o tempo e o rio, a vida e o sonho, a morte e o sono, entre outras, destacando como essas imagens atravessam culturas e épocas e servem como eixos para a compreensão da experiência humana. Essa perspectiva é particularmente relevante para analisar *A Metamorfose* (2011), de Franz Kafka, obra em que a transformação de Gregor Samsa em um inseto monstruoso opera tanto como uma alegoria física, quanto como uma literalização radical de uma metáfora que questiona o lugar do indivíduo em uma sociedade que frequentemente ignora a personalização do ser humano.

Este trabalho desenvolverá sua análise em dois eixos complementares: a investigação das metáforas em *A Metamorfose*, com ênfase na transformação de Gregor Samsa como caso paradigmático de literalização metafórica; e o diálogo entre essas estratégias kafkianas e as reflexões de Borges sobre a natureza e função da metáfora em seus ensaios. Busca-se compreender como as observações do escritor argentino sobre as particularidades desse recurso linguístico podem enriquecer a interpretação da obra de Kafka e assim estabelecer uma conversa entre essas duas vozes fundamentais da modernidade.

A narrativa de Kafka, para além de uma crítica à alienação, investiga sobre identidade e significado em um mundo aparentemente absurdo. Tal ambiguidade convida o leitor a explorar múltiplas interpretações, reforçando a ideia de que a literatura moderna exige uma leitura em camadas. A intertextualidade do autor de *A Metamorfose* supera a relação passiva com a tradição literária e redefine, de maneira singular, os vínculos entre precursor e herdeiro. Como discute Jorge Luis Borges em *Kafka e seus precursores* (2000), a originalidade do escritor tcheco reside na sua capacidade em ressignificar retroativamente a literatura que o antecedeu. Para Borges, Kafka não é um mero produto de seus precursores; ao contrário, sua obra os *cria*, iluminando traços dispersos na tradição que só adquirem coerência quando lidos à luz de sua escrita. Essa inversão paradoxal — em que o sucessor determina o passado que o legitimaria — revela uma dinâmica literária na qual a autoria e a leitura se confundem: Kafka lê a tradição de modo a transformá-la, tornando-se, ele próprio, o fundamento de uma linhagem que, sem ele, permaneceria obscura.

Borges, no entanto, leva essa reflexão adiante. Ao analisar Kafka, o argentino descreve um fenômeno literário e o exemplifica: assim como Kafka reinterpreta seus precursores, Borges, por sua vez, reinterpreta Kafka, inserindo-o em uma rede de sentidos que também reflete sua própria poética. Desse modo, o ensaio Borgiano opera em dois níveis: ele revela como Kafka desloca a tradição, mas também demonstra como a crítica literária pode, ela mesma, reconfigurar o cânone. A escolha de Kafka como objeto de análise não é casual — trata-se de um autor cuja obra, marcada pelo absurdo e pela desestabilização de normas, simboliza a modernidade literária em seu estado mais agudo. Em Borges, a discussão sobre Kafka o situa na história da literatura e reivindica, implicitamente, um diálogo entre duas escritas igualmente únicas, diálogo que esta pesquisa aprofunda ao examinar especificamente como suas concepções sobre a metáfora iluminam a prática literária kafkiana.

1 Referencial Teórico

Nesta seção, são apresentados três tópicos principais que fundamentam teoricamente a pesquisa: (I) A metáfora como ferramenta de compreensão e criação, destacando as teorias clássicas e contemporâneas sobre metáfora, com ênfase em Aristóteles e Paul Ricoeur. Complementam essa base os conceitos de Nietzsche sobre a linguagem como construção e o estudo de Sultana Wanhón acerca da ressignificação Borgeana das metáforas essenciais³ e a perspectiva materialista do discurso de Pêcheux que situa a metáfora como operador de sentido vinculado a formação ideológica do sujeito (II) A literalização da metáfora em Franz Kafka, explorando como conceitos abstratos se materializam em *A Metamorfose*. (III) O diálogo Borges-Kafka por meio da metáfora, abordando as intersecções entre os dois autores, analisando como Jorge Luis Borges, em ensaios como *Kafka y sus precursores* e *La metáfora* aproxima-se de Kafka através de uma concepção Nietzscheana da linguagem.

1.1 A metáfora como ferramenta de compreensão e criação

Desde Aristóteles, a metáfora tem sido vista como um elemento crucial da linguagem literária. Em *Poética*, ele define a metáfora como uma transferência de significado, em que um termo é empregado para denotar algo que, à primeira vista, ele é estranho, mas que

³ Para uma perspectiva contemporânea atual complementar, ver CORDEIRO, Roselaine de Lima. A metáfora que mobiliza: uma leitura da crítica “Ciúme e dúvida póstuma [Dom Casmurro, de Machado de Assis]”, de João Cezar de Castro Rocha. 2019.

compartilha uma relação de semelhança. Assim, a metáfora permite a compreensão de conceitos complexos e abstratos e facilita a comunicação de ideias de maneira inovadora e criativa (Aristóteles, 2017).

A perspectiva de Aristóteles sobre metáfora como um processo cognitivo, que gera novas conexões, é uma ideia vital para a compreensão de sua atribuição na literatura. Ao longo do tempo, a teoria da metáfora evoluiu, sendo discutida por filósofos e linguistas como Paul Ricoeur, que, em *A Metáfora Viva*, propõe que a metáfora, além de transmitir significados, também os cria, e desta forma oferece novas formas de compreensão do mundo. Para Ricoeur (2011, p. 57), a metáfora é “um instrumento que transcende a literalidade da linguagem, permitindo ao leitor acessar dimensões do pensamento humano que não seriam possíveis sem ela”.

A metáfora, tradicionalmente vista como um recurso estilístico ou um desvio linguístico, revela-se, na perspectiva da teoria materialista do discurso, como elemento essencial na constituição dos sentidos e na formação das subjetividades. Segundo Pêcheux (2014, p. 239), “o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição”, o que evidencia que a metáfora é um mecanismo estruturante da linguagem. Essa concepção rompe com a ideia de um sentido literal originário, e destaca, em vez disso, o caráter constitutivo e dinâmico da significação.

A materialidade do sentido está intrinsecamente vinculada às formações ideológicas que permeiam o tecido social. Seguindo a linha de Pêcheux, os indivíduos são “‘interpelados’ em sujeitos-falantes [...] pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas” (Pêcheux, 2014, p. 146), o que implica que a metáfora opera dentro de um campo de lutas simbólicas e relações de poder. Nesse contexto, “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (Pêcheux, 2014, p. 147), o que revela que a significação é sempre um ato político, marcado por disputas e ressignificações.

A abordagem lacaniana da metáfora reforça essa perspectiva ao situá-la como o momento em que “o sentido se produz no non-sens” (Lacan, 1966, *apud* Pêcheux, 2014, p. 239). Essa formulação sublinha o caráter disruptivo da metáfora, que transmite sentidos, mas também os constitui através de deslocamentos e superposições significantes. Nesse processo, a ilusão de autonomia do sujeito é desvelada e revela o assujeitamento ideológico que o constitui.

Além disso, a metáfora desempenha um papel na transformação histórica e na reconfiguração das redes de memória e identificação. Todo discurso pode causar uma

‘agitação’, o que significa que a metáfora é um espaço de conflito e reinterpretação. Nesse sentido, ela reflete as estruturas ideológicas vigentes, da mesma forma que as desafia e abre possibilidades para novas formas de significação e ação política.

A instabilidade inerente à metáfora é um fenômeno importante para compreender a dinâmica discursiva. Pois, como afirma Pêcheux, "todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo" (2014, p. 239). Esse caráter mutável opera através do que Lacan (1966) designa como o processo metafórico, através de suas operações de deslocamento e condensação. Nesse processo, a metáfora naturaliza relações históricas específicas, apresentando-as como evidentes e incontestáveis. No entanto, como consequência, em todo discurso, segundo Pêcheux (2014), essa mesma capacidade de naturalização contém em si a possibilidade de desnaturalização, pois, ao revelar-se como construção, a metáfora expõe os fios ideológicos que tecem a realidade social.

Se, por um lado, a metáfora atua na reprodução das estruturas ideológicas dominantes, por outro, ela guarda em si a potencialidade de subvertê-las. Uma vez que os processos metafóricos estão situados nas interpretações dos atos, o que significa que a metáfora é, em última instância, um campo de batalha simbólica. Nessa perspectiva, estudar a metáfora implica necessariamente engajar-se na análise das lutas sociais que se travam no plano da linguagem e da significação.

Tal capacidade criativa da metáfora encontra sua expressão máxima na obra de Kafka ao assumir características únicas. Como observa Otto Maria Carpeaux (1978, p. 210), em *Franz Kafka e o Mundo Invisível*, a metáfora kafkiana "não é apenas um ornamento literário, mas a essência de sua obra, revelando aquilo que permanece invisível e inaudito na experiência humana". Essa materialização do invisível é imediatamente confrontada com a banalidade do cotidiano, como mostra a reação de Gregor Samsa ao acordar metamorfoseado:

Acordar cedo assim deixa a pessoa completamente embotada — pensou. — O ser humano precisa ter o seu sono. Outros caixeiros viajantes vivem como mulheres de harém. Por exemplo, quando volto no meio da tarde ao hotel para transcrever as encomendas obtidas, esses senhores ainda estão sentados para o café da manhã. Tentasse eu fazer isso com o chefe que tenho: voaria no ato para a rua. Aliás, quem sabe não seria muito bom para mim? Se não me contivesse, por causa dos meus pais, teria pedido demissão há muito tempo; teria me postado diante do chefe e dito o que penso do fundo do coração. Ele iria cair da sua banca! Também, é estranho o modo como toma assento nela e fala de cima para baixo com o funcionário — que além do mais precisa se aproximar bastante por causa da surdez do chefe. Bem, ainda não renunciei por completo à esperança: assim que juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais — deve demorar ainda de cinco a seis anos — vou fazer isso sem falta. Chegará então a vez da grande ruptura. Por enquanto, porém, tenho de me levantar, pois meu trem parte às cinco. (Kafka, 2011, p. 4)

A contradição entre o absurdo da transformação e a preocupação com o trabalho literaliza a alienação, reforçando como Kafka converte a metáfora em experiência concreta. Nesse sentido, a metáfora em Kafka articula a complexa relação entre o homem e o mundo, representando simultaneamente o oculto e o universal. Ao articular a complexidade da relação entre o homem e o mundo, revela uma experiência individual de alienação, enriquecida por uma condição universal que atravessa diferentes épocas e culturas. Ela funciona como um espelho que reflete as forças invisíveis que moldam a existência humana, como as pressões sociais, as limitações internas e as angústias existenciais que muitas vezes permanecem encobertas na rotina cotidiana. Dessa forma, o mundo oculto representado na metáfora kafkiana é uma condição compartilhada por todos os seres humanos diante das incertezas, das imolações e das transformações que a vida impõe, apresentada sob a experiência de Gregor. Desta forma, transforma o particular em um símbolo o universal.

Essa qualidade de concretização do invisível encontra uma análise complementar na perspectiva de Günther Anders. Em *Kafka: pró e contra*, Anders apresenta uma perspectiva crítica sobre a função das metáforas na obra kafkiana, na qual observa que Kafka frequentemente transforma o simbólico no cotidiano, assim ampliando o impacto de sua narrativa: “A metáfora em Kafka não é apenas uma imagem poética, mas uma experiência concreta, na qual o irreal é vívido como realizado” (Anders, 2014, p. 8). Essa ideia reforça o uso da metáfora como um recurso de confronto existencial, o que permite que os leitores se envolvam com questões filosóficas e éticas profundas.

Logo, a metáfora desempenha papéis que sobrepõem seu emprego como uma simples figura de linguagem⁴: ela assume uma função e estruturação no processo de criação literária e na interpretação do texto. Neste sentido, Suárez (2011) recupera a concepção nietzschiana da metáfora como “transposição de significação”, ideia que dialoga com a tradição retórica aristotélica, mas que Nietzsche radicaliza ao entender toda linguagem como construção metafórica. Como explica a autora: “a metáfora é a transposição de uma palavra cuja significação habitual é outra” (2011, p.73), operação que, para Nietzsche, desloca permanentemente palavras de seus sentidos originais. Essa transposição, segundo Nietzsche, nasce de uma “comparação abreviada”, frequentemente elíptica — como quando dizemos “o tempo é ouro” sem explicitar o termo comparativo.

⁴ Entende-se por “figura de linguagem” um recurso estético que altera o sentido convencional das palavras, seja por comparação implícita, como na metáfora, seja por outros mecanismos retóricos. Tradicionalmente, a metáfora é vista como uma comparação abreviada, que transgreda a significação habitual das palavras para criar novos sentidos.

Nietzsche radicaliza essa ideia ao descrever todo o processo linguístico como metaforização. Ideia que pode ser observada quando o filósofo diz que: "transferir de início uma excitação nervosa em uma imagem: primeira metáfora. A imagem, por sua vez, imita o impulso nervoso em sons: segunda metáfora" (Nietzsche, 2009, p. 179). Palavras são, assim, traduções de traduções, distanciadas da realidade que pretendem nomear. Nesse mesmo sentido, Borges reforça essa crítica à linguagem utilitária no seu ensaio "Examen de metáforas" (1994):

Nadie negará que [la] nomenclatura es un grandioso alivio de nuestra cotidianidad. Pero su fin es tercamente práctico: es un prolijo mapa que nos orienta por las apariencias, es un santo y seña utilísimo que nuestra fantasía merecerá olvidar alguna vez. Para una consideración pensativa, nuestro lenguaje -quiero incluir en esta palabra todos los idiomas hablados- no es más que la realización de uno de tantos arreglamientos posibles. (Borges, 1994, p. 72)

Suarez (2011, p. 91) também comenta essa crítica ao caráter ilusório da linguagem, destacando a seguinte passagem de Nietzsche: "Quem está impregnado dessa frieza dificilmente acreditará que o conceito, ossificado e hexagonal como um dado, e, como este, inamovível, não é outro senão o resíduo de uma metáfora".

Assim, pelo já observado, pode se dizer que a metáfora como confronto existencial, em obras como *A Metamorfose*, irá transcender o papel de figura retórica para se tornar experiência visceral. Como observa Anders (2014, p.8), "a metáfora em Kafka não é apenas uma imagem poética, mas uma experiência concreta, na qual o irreal é vívido como realizado". Neste sentido, a transformação de Gregor Samsa é uma materialização e não um artifício literário, que obriga o leitor a confrontar a fragilidade das categorias que organizam o real. Essa ideia reforça o uso da metáfora como recurso de ruptura, capaz de desestabilizar percepções e expor contradições.

O filósofo ainda enfatiza que a linguagem não designa coisas em si, mas relações humanas com o mundo. Nesse sentido Whanón (1995, p.38) lembra que: "para Nietzsche el lenguaje no designaría las cosas, sino las relaciones de las cosas con respecto a los hombres. Essa perspectiva desestabiliza a noção de "verdade literal", revelando que toda palavra é, em sua origem, metafórica — um eco de experiências subjetivas cristalizadas em convenções.

1.2 A literalização da metáfora em Franz Kafka

Franz Kafka, um mestre da metáfora literalizada, apresenta em obras como *A Metamorfose*, *Na Colônia Penal*⁵ e *Investigações de um Cão*⁶ uma abordagem singular, em que conceitos abstratos são transformados em realidades concretas. Em *A Metamorfose*, a transformação do personagem principal em um inseto, logo nas três primeiras linhas do texto, foge da metáfora convencional e caracteriza-se pela materialização literal de sua desconexão com a sociedade, porém, o autor vai além ao colocar como tal ato também pode ocorrer no seio familiar.

A progressiva rejeição da família explicita essa desconexão, enquanto Grete, sua irmã, inicialmente tenta cuidar de Gregor:

Gregor tinha esticado a cabeça até a beira do sofá e a observava. Será que ela notaria que ele nem tinha tocado no leite — e não, de forma alguma, por falta de fome? E será que traria outra comida mais adequada para ele? Se o não o fizesse espontaneamente, ele preferiria morrer de fome a chamar sua atenção para isso, embora na verdade sentisse uma pressão medonha para disparar de debaixo do sofá, atirar-se aos pés da irmã e pedir-lhe alguma coisa de comer. Mas a irmã percebeu de pronto, com espanto, que a tigela estava ainda cheia, em volta da qual estava esparramado um pouco de leite, ergueu logo a tigela do chão — na realidade, não com as mãos nuas, mas com um trapo — e levou-a para fora. Gregor estava extremamente curioso para saber o que ela traria em substituição ao leite, fazendo as mais variadas conjecturas a esse respeito. Mas jamais teria podido adivinhar o que, na sua bondade, a irmã de fato fez. Ela trouxe, para testar o seu gosto, todo um sortimento, espalhado sobre um jornal velho. (Kafka, 2011, p. 21)

E em seguida ela passa a vê-lo como um fardo. O pai desde o início o trata com violência, evidenciado, por exemplo, nesse trecho:

Um lado do seu corpo se ergueu, permaneceu torto na abertura da porta, um dos seus flancos se esfolou inteiro, na porta branca ficaram manchas feias, ele logo se entalou e não poderia mais mover-se sozinho — as perninhas de um lado pendiam trêmulas no ar, as do outro comprimiam-se doloridas no chão — quando o pai desferiu, por trás, um golpe agora de fato possante e liberador e ele voou, sangrando violentamente, bem para dentro do seu quarto. A porta foi fechada ainda com a bengala, depois houve por fim silêncio. (Kafka, 2011, p. 18)

A porta, que em Borges seria um símbolo universal de transição⁷, aqui se torna uma barreira física, evidenciando a literalização kafkiana.

⁵ Na Colônia Penal (Kafka, 1998): A máquina de tortura, que inscreve a sentença na carne do condenado, materializa a justiça como violência institucionalizada.

⁶ Investigações de um Cão (Kafka, 2017): A busca obsessiva do cão-narrador por respostas sobre a natureza do mundo (especialmente sobre a alimentação canina) literaliza a falência da razão humana diante do mistério existencial.

⁷ Esta interpretação em Borges pode ser observada no texto “La pesadilla” em *Siete noches*. No trecho “Anoche soñé que estaba perdido en el bosque, tenía miedo, pero llegué a un claro y había una casa blanca, de madera, con una escalera que daba toda la vuelta y con escalones como un corredor y además una puerta, por esa puerta saliste vos” (Borges, 1980, p. 15). Nesta conferência de Borges, na qual o escritor argentino está contando

Essa estratégia repete-se em *Na Colônia Penal* a metáfora da justiça como violência institucionalizada se torna literal na figura da máquina de tortura — um aparelho que grava a sentença do condenado em sua própria carne, até a morte.

Como se vê, ele se compõe de três partes. Com o correr do tempo surgiram denominações populares para cada uma delas. A parte de baixo tem o nome de cama, a de cima de desenhador e a do meio, que oscila entre as duas, se chama rastelo. (Kafka, 1998, p. 14).

A lei, abstrata e arbitrária, materializa-se em engrenagens que dilaceram o corpo, expondo o absurdo de um sistema que se autossustenta através do horror.

— Nossa sentença não soa severa. O mandamento que o condenado infringiu é escrito no seu corpo com o rastelo. No corpo deste condenado, por exemplo — o oficial apontou para o homem —, será gravado: Honra o teu superior! [...]
Hoje de manhã um capitão apresentou a denúncia de que este homem, que foi designado seu ordenança e dorme diante da sua porta, dormiu durante o serviço. Na realidade ele tem o dever de se levantar a cada hora que soa e bater continência diante da porta do capitão. Dever sem dúvida nada difícil, mas necessário, pois ele precisa ficar desperto tanto para vigiar como para servir. Na noite de ontem o capitão quis verificar se o ordenança cumpria o seu dever. Abriu a porta às duas horas e o encontrou dormindo todo encolhido. Pegou o chicote de montaria e vergastou-o no rosto. Ao invés de se levantar e pedir perdão, o homem agarrou o superior pelas pernas, sacudiu-o e disse: “Atire fora o chicote ou eu o engulo vivo!”. São estes os fatos. Faz uma hora o capitão se dirigiu a mim, tomei nota das suas declarações e em seguida lavrei a sentença. Depois determinei que pusessem o homem na corrente. Tudo isso foi muito simples. Se eu tivesse primeiro intimado e depois interrogado o homem, só teria surgido confusão. Ele teria mentido, e se eu o tivesse desmentido, teria substituído essas mentiras por outras e assim por diante. Mas agora eu o agarrei e não o largarei mais. (Kafka, 1998, p. 16-18).

Já em *Investigações de um Cão*, a busca filosófica pelo sentido da existência é transposta para o plano concreto: o narrador, um cão, investiga de forma obsessiva a origem do alimento, questionando por que os humanos o fornecem.

Comecei minhas investigações na época com as coisas mais simples, não faltava material e, lamentavelmente, é o excesso que me deixa desesperado nas horas obscuras. Comecei a investigar do que a comunidade canina se alimenta.⁸ (Kafka, 2017, p. 132)

Suas interrogações metafísicas se traduzem em atos físicos, farejar, cavar, observar outros cães, literalizando a angústia da incompreensão.

um sonho de seu sobrinho, a porta funciona como um portal entre dimensões, uma transição simbólica entre o caos do bosque ameaçador e a casa branca, um espaço de ordem e acolhimento familiar de onde surge o tio (Borges).

⁸

Tradução nossa.

David Foster Wallace, em *Alguns comentários sobre a graça de Kafka*, ao discutir a obra, destaca que a literalização de suas metáforas transforma o grotesco e o absurdo em experiências reais que desafiam a compreensão habitual do leitor. Segundo Wallace (2012, p. 23), “a graça peculiar de Kafka não é fato de que suas histórias excluam que o leitor abandone o conforto de tentar entendê-las como símbolos e como experiências humanas universais”. Essa perspectiva ressalta como a literalização em Kafka obriga o leitor a vivenciar a angústia e o absurdo em sua forma mais visceral.

Anders (2007, p. 20) destaca que “o espantoso, em Kafka, é que o espantoso não espanta ninguém”, ele é uma parte do habitual. Essa observação revela como Kafka normaliza o absurdo⁹ em suas narrativas, convidando o leitor a aceitar o estranho¹⁰ como parte intrínseca da realidade.

Diego Gomes do Valle, em seu artigo, *Combater e vencer o eu é o mesmo que se destruir? Confluências identitárias em David Foster Wallace e Franz Kafka*, explora como a literalização em Kafka dismantela as noções tradicionais de identidade, forçando os personagens e os leitores confrontarem o colapso de suas próprias concepções de controle e autonomia. Segundo Valle (2023, p. 157), “Kafka e Wallace compartilham uma abordagem que desconstrói as noções de identidade pessoal, revelando a existência como um processo marcado pelo desconforto e pela alienação”. Essa análise amplia o entendimento da metáfora literalizada como um recurso que irá transcender o texto literário e provocar reflexões ao leitor.

Além disso, Anders observa que Kafka literaliza metáforas e também subverte suas funções tradicionais, transformando-as em experiências concretas que desafiam as expectativas do leitor. Na obra *A Metamorfose*, logo na primeira página, se estabelece essa operação radical:

Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo de qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos.

— O que aconteceu comigo? — pensou.

⁹ Absurdo em Kafka: Conceito-chave que designa a ruptura entre ação humana e sentido lógico, onde eventos grotescos ou ilógicos são tratados com frieza burocrática. Em Kafka, o absurdo é a própria estrutura da realidade narrativa (Camus, 1996).

¹⁰ Estranho (em Kafka): O estranho kafkiano é a aceitação passiva do insólito como norma. Não há espanto, apenas a assimilação do grotesco ao cotidiano — como na família de Gregor Samsa, que rapidamente se adapta à sua condição de inseto (Camus, 1996).

A ausência de preâmbulos ou explicações - a metamorfose apresentada como fato consumado - demonstra como Kafka converte o imaginário em realidade objetiva, eliminando qualquer mediação interpretativa que não seja a aceitação imediata do absurdo. Essa estratégia, como analisa Anders, cria um efeito de estranhamento radical: o leitor é forçado a lidar com o impossível como norma, sem as âncoras convencionais da narrativa fantástica

Essa subversão kafkiana encontra eco na análise de Julieta Yelin (2011) sobre a metáfora animal: "os relatos de Kafka rompem com a metafísica da subjetividade, ao propor uma voz narradora que transcende o humano, operando em uma lógica pós-humanista" (Yelin, 2011, p. 83). Dessa forma, a transformação de Gregor não é apenas um recurso literário, mas um dispositivo que desloca radicalmente o eixo de percepção do mundo narrativo - e por extensão, do próprio leitor.

Além disso, a animalidade presente em Kafka também funciona como um reflexo da alienação e da desconexão do indivíduo com seu entorno. Como observam Ortiz e Teixeira (2019), essa transformação é uma experiência corpórea da desumanização. Neste sentido, "a metamorfose, por sua vez, representa certamente a terrível iconografia de uma ética da lucidez. Mas é também o produto desse assombro inimaginável que experimenta o homem ao sentir o bicho que ele, sem esforço, se tornou" (Ortiz; Teixeira, 2019, p. 95). Esse processo de animalização em Kafka, como observado por Yelin, Anders e Ortiz e Teixeira, além de ser um símbolo, é também um procedimento literário que desconstrói identidades e expõe as condições humanas de vulnerabilidade, isolamento e fragilidade.

No sentido antes visto, assim como Anders, Carpeaux (1978, p. 121), no capítulo *O silêncio de Kafka*, observa que o silêncio kafkiano não se resume a ausência, representando uma "densidade expressiva" que materializa o inexprimível. Em *A Metamorfose*, a progressiva impossibilidade de comunicação de Gregor, com sua voz que se torna "inaudível" para a família, exemplifica como Kafka converte o silêncio em linguagem narrativa. No seguinte fragmento, Gregor exprime este silêncio: "mas senhor gerente - exclamou Gregor, fora de si, esquecendo tudo o mais na excitação -, eu abro já num instante. Um ligeiro mal-estar, um acesso de tontura, impediram-me de levantar" (Kafka, 2011, p. 20). Desta forma, não há explicações para a transformação, apenas a crueza do fato consumado. No livro *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*, Camus (1996) vê nesse recurso uma expressão do absurdo existencial, o mundo kafkiano cala diante das perguntas humanas, tornando o silêncio a única

resposta possível. Assim, longe de ser passivo, o silêncio atua como metáfora literalizada da incomunicabilidade moderna.

1.3 O diálogo Borges-Kafka por meio da metáfora

1.3.1 Kafka e seus precursores

No ensaio *Kafka e seus precursores*, Borges reflete sobre a capacidade da obra de Kafka de recriar e reorganizar o passado literário. Segunda o escritor argentino, "*cada escritor crea a sus precursores. Su obra modifica nuestra concepción del pasado, como ha de modificar el futuro*" (Borges, 1980, p. 227). Como observa Vaccaro (1996 p.235), Borges defende a metáfora não como mero recurso poético, mas como "una necesidad del idioma en el mundo de las percepciones", e é essa necessidade que Kafka radicaliza ao transformar metáforas em realidades literais.

Borges exemplifica essa ideia de identificação de camadas entre Kafka e autores como Zenão¹¹, Kierkegaard¹² e Han Yu¹³, argumentando que essas conexões são perceptíveis devido à leitura retrospectiva fornecida pela obra kafkiana. Essa abordagem ecoa Gutierrez Girardot, para quem "metaforizar é representar o universo". Para Borges, o que esses autores possuem é uma "confluência temática e metafórica" que só se revela plenamente quando lida através do prisma de Kafka. Longe de negar a individualidade literária, esse processo descrito como 'a criação de precursores' se constrói sobre o reconhecimento da intertextualidade que permeia toda a produção cultural.

O texto de Borges enfatiza a universalidade das metáforas kafkianas, que abordam questões existenciais como a desumanização, o tempo e o fantástico. Segundo Massuh (1983) a metáfora é um signo que estabelece analogias entre coisas dissimilares, e em Kafka, essa analogia se torna identidade, Gregor é o inseto, não o representa. A metáfora, em Kafka, é uma ponte entre o individual e o universal, um recurso para explorar os dilemas da modernidade. Borges (1980, p. 228) destaca que a "obra de Kafka transita en el límite entre el sueño y la realidad, entre lo humano y lo trascendente".

¹¹ Zenão de Eleia (séc. V a.C.): Filósofo grego cujos paradoxos (como o de Aquiles e a tartaruga) prefiguram a lógica kafkiana de labirintos sem saída.

¹² Søren Kierkegaard (1813-1855): Filósofo dinamarquês cujos conceitos de angústia existencial e paradoxo religioso antecipam temas kafkianos.

¹³ Han Yu (768-824): Letrado chinês da dinastia Tang cuja parábola "O Homem que Padecia de Esquecimento" (sobre um burocrata que esquece sua identidade) mostra afinidades com a alienação burocrática em Kafka.

A interpretação espiritualizada da obra de Kafka, como a proposta por Borges, muitas vezes minimiza a dimensão política e corpórea de sua prosa, um risco apontado por críticos como David Foster Wallace, em *Alguns Comentários Sobre a Graça de Kafka* (2012). Afinal, Gregor Samsa não se torna um símbolo transcendente, mas um inseto sufocado por condições materiais concretas. Essa tensão entre leituras metafóricas e literais reflete a própria natureza da linguagem, no sentido da concepção de Nietzsche quando diz que "*el uso metafórico refleja la condición inevitable de lo humano*" (apud Bulacio, 2003, p. 118). Assim, Borges vê na metáfora um veículo de universalização, já Kafka a converte em experiência física, na qual expõe a fragilidade do corpo e as estruturas opressivas que o definem. Essa tensão é exemplificada por Silvia Baron Supervielle (2005, p. 43), em *Kafka: el silencio de los cuerpos*, texto no qual argumenta que "o fantástico em Kafka nunca deixa de ser visceral: sua metáfora é sempre uma ferida aberta, não um símbolo"¹⁴.

Assim, quando Borges identifica em Kafka um diálogo com Zenão ou Kierkegaard, vale lembrar, como faz Marjorie Perloff (2016), que esses paralelos filosóficos coexistem com uma crítica aguda à burocracia e às estruturas de poder do século XX, dimensão que a perspectiva borgeana tende a sublimar. Como conclui Massuh, "*la metáfora expresa una liberación del pensamiento discursivo*" (1983 p.125), mas em Kafka, essa liberação é também uma prisão: a do corpo que grita sem ser ouvido.

1.4 A Metáfora

Em "*La metáfora*", texto publicado originalmente na revista *Sur* nº 92, maio de 1942, e posteriormente incluído em *Otras Inquisiciones* (1952), Borges examina a função das metáforas na literatura, no qual propõe que elas sejam específicas de um repertório universal de imagens e conceitos compartilhados ao longo do tempo. Nesse sentido, ele afirma: "Hay pocas metáforas esenciales; todas las demás son variaciones. El tiempo y el río; la vida y el sueño; el amanecer y la juventud; la muerte y el sueño; las generaciones de los hombres y las hojas de los árboles"¹⁵. O autor argentino também lembra que:

En el libro tercero de la Retórica, Aristóteles observó que toda metáfora surge de la intuición de una analogía entre cosas disímiles; Middleton Murry exige que la analogía sea real y que hasta entonces no haya sido notada [...]. Aristóteles, como se

¹⁴ Tradução nossa.

¹⁵ Texto extraído da exposição oral de Borges na conferência sobre "A metáfora", em 1967, na Universidade de Harvard. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ie6LE8a9dz4&list=PLqS0wedSG2MZfOeejaX1-82o3RB_dQFto&index=7. Acesso em: 11/09/2024.

ve, funde la metáfora sobre las cosas y no sobre el lenguaje; los tropos conservados por Snorri son (o parecen) resultados de un proceso mental, que no percibe analogías sino que combina palabras; alguno puede impresionar (cisne rojo, halcón de la sangre), pero nada revelan o comunican. Son, para de alguna manera decirlo, objetos verbales, puros e independientes como un cristal o como un anillo de plata. Parejamente, el gramático Licofronte llamó león de la triple noche al dios Hércules porque la noche en que fue engendrado por Zeus duró como tres; la frase es memorable, allende la interpretación de los glosadores, pero no ejerce la función que prescribe Aristóteles (Borges, 2004, p.382).

O próprio Borges reconheceu seu fascínio pelo estudo das metáforas em sua *Autobiografia*:

Siempre me atrajo la metáfora, y esa inclinación me llevó a estudiar las sencillas kenningar sajonas y las muy elaboradas kenningar escandinavas. Ya en 1933 había escrito un ensayo sobre el tema. La extraña idea de usar en lo posible metáforas en vez de sustantivos sencillos, y que esas metáforas fueran al mismo tiempo tradicionales y arbitrarias, me desconcertó y me atrajo (Borges, 1999, p.131).

Essa ideia revela sua crença em um núcleo primordial de analogias que transcendem culturas e épocas, e que Kafka, em sua obra, tanto reinterpreta quanto subverte.

Na obra *A Metamorfose*, Kafka realiza uma transfiguração radical dessas metáforas arquetípicas. O tempo, que em Borges é um fluxo contínuo, torna-se em Kafka uma prisão medida em minutos, como mostra a cena em que Gregor observa o relógio em seu quarto enquanto a família o ignora: "Eram seis e meia, e o relógio continuava a avançar" (p. 9). A transformação de Gregor, que ocorre "de sonhos intranquilos" (Kafka, 2011, p. 7), funde realidade e pesadelo num mesmo plano, o que elimina a fronteira entre o imaginário e o concreto. Seu quarto, progressivamente esvaziado de móveis e significados, torna-se um "território estranho" (p. 45), espaço que materializa sua exclusão: o que antes era um lugar de repouso e identidade transforma-se em uma cela que reflete seu isolamento social e familiar. Essa literalização do deslocamento ecoa a inversão kafkiana da morte, que na tradição borgeana seria um sono eterno ou passagem simbólica, mas que aqui se reduz a um ato burocrático. O corpo seco de Gregor é descartado pela faxineira como um objeto insignificante, encerrado na fala banal — "Ah, sim [...] Já está tudo em ordem" (p. 54) —, onde o riso "amigável" contrasta com a violência da cena. A crueza dessa indiferença, tratada como mera tarefa doméstica, expõe a desumanização radical do protagonista: sua existência é apagada sem luto, sem ritual, apenas como um incômodo resolvido.

Essa operação kafkiana concretiza o que Massuh (1983), identifica como a função primordial da metáfora para Borges. Nesse sentido, a crítica lembra que a linguagem representativa é "capaz de señalar e insinuar las secretas e ilimitadas apariencias del universo"

(Massuh 1983, p. 125). Porém, Kafka vai além: se para Borges a metáfora insinua, para Kafka ela impõe.

Assim, ao passo que Borges mapeia as "*pocas metáforas esenciales*" que percorrem a literatura ocidental, Kafka as recria como realidades autônomas e irrevogáveis. Se em "*La metáfora*" Borges celebra a capacidade sugestiva da linguagem figurada, em *A Metamorfose* Kafka demonstra seu poder de transformar o simbólico em material, no qual abre novas possibilidades para a representação literária da realidade.

1.5 A tensão entre o particular e o universal

O diálogo literário entre Kafka e Borges revela duas abordagens distintas, porém complementares, sobre o poder da metáfora. Kafka concretiza o figurativo e materializa metáforas em realidades irrevogáveis, Borges as expande para o universal e transforma imagens particulares em arquétipos da tradição literária.

A materialização do absurdo em *A Metamorfose* se estende à percepção de Gregor sobre a realidade, indo além de sua transformação física. Kafka radicaliza a metáfora ao mostrar o protagonista ainda raciocinando dentro de parâmetros humanos, mesmo em sua condição monstruosa: “Gregor tentou imaginar se algo semelhante ao que lhe acontecera hoje não poderia um dia acontecer também ao gerente; essa possibilidade, afinal, não podia ser negada de todo” (Kafka, 2011, p. 12). Essa dissonância entre mente e corpo, no qual a voz humana se dissolve no inumano, atinge seu ápice quando “Gregor emitiu um som de dor quando percebeu que sua voz, sua antiga voz, se misturava irremediavelmente ao ruído do inseto” (Kafka, 2011 p. 18). Tal contradição, longe de ser mero recurso estilístico, exemplifica o que Borges (1942) chamou de 'metáforas essenciais'. Aqui a desconexão entre identidade e forma torna-se experiência concreta, na qual literaliza o que em outros autores seria apenas alegoria. Se Borges via na metáfora um veículo universal, Kafka a converte em prisão existencial, um tema que, como nota Vaccaro (1996, p. 235): “reconfigura retroativamente a tradição literária”¹⁶.

Outro momento revelador ocorre quando Gregor tenta proteger o retrato feminino em sua parede:

E com isso ele irrompeu para fora - nesse exato momento as mulheres estavam no quarto vizinho, apoiadas na escrivaninha para tomar um pouco de fôlego -, mudou

¹⁶ Tradução nossa.

de direção quatro vezes, realmente não sabia o que salvar primeiro, então viu, saliente na parede, a imagem pendurada da dama toda vestida de peles, rastejou às pressas para o alto e comprimiu-se contra o vidro. Pelo menos essa imagem, que Gregor agora cobria por completo, ninguém certamente levaria embora (Kafka, 2011 p. 53).

Seu gesto, que seria de proteção e afeto em um corpo humano, é interpretado pela família como ameaça animalesca. O narrador kafkiano evidencia assim como a metamorfose redefine violentamente a percepção da realidade, já que um mesmo ato adquire significados opostos quando executado por um corpo marginalizado. A subversão não está apenas na transformação física, mas na lógica que passa a governar as relações, o humano é sistematicamente negado ao protagonista, e o familiar se torna estranho.

Borges, em contraste, opera uma expansão do significado. Ao analisar metáforas como o rio e o tempo, mostra como elas se ramificam através de culturas e épocas. Para Borges, como observa Massuh (1983, p.125), "la metáfora es [...] um signo que estabelece uma analogia entre coisas dissimilares" criando conexões onde antes havia separação. Se Kafka petrifica o sentido, Borges o liberta, e demonstra como uma mesma imagem pode ressoar através de diferentes tradições. Essa tensão é visível na cena em que Gregor, já totalmente excluído, ouve a família decidir seu destino:

— Se ele nos entendesse — repetiu o pai e com um fechar de olhos acolheu a convicção da filha sobre essa impossibilidade — então talvez fosse possível um acordo com ele. Mas assim... — É preciso que isso vá para fora — exclamou a irmã de Gregor. — É o único meio, pai. Você simplesmente precisa se livrar do pensamento de que é Gregor. Nossa verdadeira infelicidade é termos acreditado nisso até agora. Mas como é que pode ser Gregor? Se fosse Gregor, ele teria há muito tempo compreendido que o convívio de seres humanos com um bicho assim não é possível e teria ido embora voluntariamente. (Kafka, 2011 p. 48).

A ironia reside no fato de que Gregor compreende tudo, mas sua voz animal o impede de responder, mais uma vez a incomunicabilidade que Borges trataria como símbolo, mas que Kafka torna carne.

Essa tensão revela a dupla potência da linguagem literária: capaz tanto de imobilizar o particular em sua crueza (Kafka) quanto de projetá-lo para o universal (Borges). Nas palavras de Vaccaro (1996, p. 235) sobre Borges, a metáfora aparece como "necessidade do idioma no mundo das percepções"¹⁷, enquanto em Kafka ela se torna a própria percepção transformada em realidade inescapável. Dois modos complementares de explorar os limites entre linguagem e experiência.

¹⁷ Tradução nossa.

1.6 O impacto da intertextualidade

A obra de Borges revela a literatura como um vasto sistema de relações intertextuais, onde autores de diferentes épocas e tradições dialogam constantemente. Tal fenômeno encontra em Kafka um caso paradigmático, um escritor cuja obra, ao mesmo tempo que rompe com as convenções literárias de seu tempo, se reinsere numa linhagem que Borges ajudou a desvelar. Como observa Borges (2000, p. 88): "O fato é que cada escritor cria seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção do passado, assim como há de modificar o futuro".

A metáfora emerge neste contexto como um operador privilegiado de intertextualidade. Segundo a perspectiva borgeana, ela serve como um recurso retórico e como um veículo por excelência dessa conversação histórica, e como diz Massuh (1983), como um signo capaz de aproximar realidades díspares. Essa capacidade analógica, longe de ser mera figuração, reconecta tradições e ressignifica o cânone, como demonstra o próprio Borges ao reinterpretar Kafka através de metáforas arquetípicas. Tal intertextualidade irá redefinir os termos da tradição literária. A cena do violino na qual Gregor, já metamorfoseado, é o único que verdadeiramente se comove com a música de sua irmã Grete, enquanto os outros humanos presentes a ignoram com evidente tédio, por exemplo, expõe essa ressignificação, expõe essa ressignificação:

A aparência mais que nítida de que estavam decepcionados na sua expectativa de ouvir uma música de violino bonita ou capaz de entreter — de que estavam saturados de toda a apresentação e só por polidez ainda se deixavam perturbar no seu sossego. Especialmente o modo como sopravam para o alto a fumaça dos seus charutos pelo nariz e pela boca permitia deduzir o grande nervosismo deles. (Kafka, 2011, p. 45)

A música, que em Borges seria um símbolo universal de transcendência artística, torna-se um instrumento de exclusão. A família afasta Gregor com horror quando ele tenta se aproximar, convertendo a arte em barreira física. Essa inversão ecoa o argumento de Borges em “Kafka e seus precursores”, mas Kafka radicaliza o processo: se Borges vê a tradição como uma rede de sentidos compartilhados, Kafka a fragmenta e cria uma linguagem na qual até o belo é corrompido pelo absurdo.

A materialização kafkiana do simbólico também se revela na transformação do labirinto borgeano. Se para Borges, entre outras interpretações, o labirinto pode ser uma

metáfora universal do conhecimento e do infinito, em Kafka ele pode ser reduzido ao quarto de Gregor, cujas paredes se fecham:

Mas o quarto alto e vazio, no qual era forçado a permanecer de bruços no chão, o angustiava, sem que pudesse descobrir a causa, pois afinal era o quarto habitado há cinco anos por ele — e com uma virada semiinconsciente e não sem uma ligeira vergonha, precipitou-se para debaixo do canapé onde, embora as costas ficassem um pouco prensadas e não pudesse mais erguer a cabeça, ele logo se sentiu aconchegado, lamentando apenas que seu corpo fosse largo demais para se abrigar inteiramente sob o canapé. (Kafka, 2011, p.20).

O espaço, antes doméstico, torna-se uma prisão sem saída. Essa contraposição ilustra o cerne da intertextualidade entre os autores: Borges expande a metáfora para o universal; Kafka a contrai até sua forma mais crua. Não obstante, a intertextualidade revela-se ainda na relação entre corpo e texto. A maçã que o pai lança e que se cravou no dorso de Gregor, ressignifica o símbolo bíblico do pecado original:

Quando nesse momento alguma coisa, atirada de leve, voou bem ao seu lado e rolou diante dele. Era uma maçã; a segunda passou voando logo em seguida por ele; Gregor ficou paralisado de susto; continuar correndo era inútil, pois o pai tinha decidido bombardeá-lo. Da fruteira em cima do bufê ele havia enchido os bolsos de maçãs e, por enquanto sem mirar direito, as atirava uma a uma. As pequenas maçãs vermelhas rolavam como que eletrizadas pelo chão e batiam umas nas outras. Uma maçã atirada sem força, raspou as costas de Gregor, mas escorregou sem causar danos. Uma que logo se seguiu, pelo contrário, literalmente penetrou nas costas dele; Gregor quis continuar se arrastando, como se a dor surpreendente e inacreditável pudesse passar com a mudança de lugar, mas ele se sentia como se estivesse pregado no chão e esticou o corpo numa total confusão de todos os sentidos. (Kafka, 2011, p. 36)

Em Borges, um mesmo objeto, uma fruta, segue uma lógica diferente, mas também deixa entrever toda uma concepção sobre a natureza da linguagem e o uso metafórico da mesma. Ao descrever uma laranja, no ensaio “Palabrería para versos”, no livro *El tamaño de mi esperanza* (1926), ele pensa sobre o termo e desmonta o objeto em sensações desconexas: “Palpamos un redondel, vemos un montoncito de luz color de madrigales, un cosquilleo nos alegra la boca, y mentimos que estas tres cosas heterogéneas son una sola que se llama naranja” (Borges, 2008, p. 52). Para Borges, a fruta é um constructo metafórico que unifica experiências e sensações díspares através da linguagem¹⁸.

¹⁸ Uma mesma situação pode ser observada em “Examem de metáforas”, no livro *Inquisiciones*, de 1925: “lo que nombramos sustantivo no es sino una abreviatura de adjetivo y su falaz probabilidad muchas veces. En contar frío, filoso, hiriente, inquebrantable, brillador, puntiagudo, enunciamos puñal; en sustitución de ese alejamiento de sol y progresión de sombras, decimos que anochece. Nadie negará que esa nomenclatura es un grandioso alivio de nuestra cotidianidad” (Borges, 1994, p.71).

Kafka inverte esse processo. Se em Borges a laranja é uma "mentira" poética que sintetiza o mundo, em Kafka a maçã é a verdade nua da desumanização: não sugere, fere. A culpa familiar não é alegoria, mas carne penetrada. Neste cenário, Kafka, ao reinventar a metáfora através de sua literalização radical, a transforma em dispositivo retórico e também reconfigura toda a tradição literária que o precede. Borges, ao analisar esses procedimentos, demonstra como metaforizar é representar o universo, ou seja, como cada metáfora singular contém em si todo um sistema de referências culturais.

Nesse diálogo entre os dois autores, a intertextualidade revela sua dupla face: se por um lado Kafka parece criar uma obra radicalmente original, por outro Borges mostra como essa originalidade só se constitui em relação à tradição que a precede e que ela mesma ajuda a reconfigurar. A metáfora do inseto, por exemplo, ganha novas camadas de significado quando lida à luz das reflexões borgianas sobre a natureza do simbólico.

Esse movimento intertextual é um processo dinâmico que, nas palavras de Borges, "modifica nossa concepção do passado". A leitura que Borges faz de Kafka - e que Kafka, por sua vez, permite fazer de Borges - transforma nossa compreensão desses autores individuais e da própria literatura como sistema vivo de significados em constante transformação.

2 Conclusão

A análise desenvolvida neste trabalho tentou demonstrar como o diálogo entre Franz Kafka e Jorge Luis Borges, a partir do conceito de metáfora, revela duas abordagens complementares e igualmente transformadoras da literatura moderna. Kafka, ao literalizar metáforas como a transformação de Gregor Samsa em *A Metamorfose*, converte o simbólico em experiência concreta, expondo a alienação e a fragilidade humana de modo visceral. Sua narrativa descreve e realiza fisicamente o absurdo, o que obriga o leitor a confrontar a desumanização como fato irrevogável. Borges, por sua vez, explora a metáfora como um veículo de universalização, conectando imagens literárias a tradições que transcendem tempo e espaço. A metáfora revela-se, assim, como uma necessidade da linguagem, capaz de articular com as múltiplas dimensões da experiência humana e explorar os limites do perceptível.

A intertextualidade, como já foi assinalado, desempenha um papel central nesse diálogo. Borges identifica em Kafka um ressignificador da tradição literária, e o torna seu interlocutor crítico, mostrando como a obra kafkiana "cria seus precursores" e redefine o

passado à luz de sua originalidade. Kafka, por sua vez, ao materializar metáforas, subverte a linguagem e a percepção do real, e Borges as expande e revela seu potencial arquetípico.

Essa tensão entre o particular (Kafka) e o universal (Borges) enriquece nossa compreensão da literatura como um sistema dinâmico, no qual a metáfora opera tanto como ruptura quanto como conexão. Se Kafka nos confronta com a crueza da existência individual, Borges nos convida a reconhecer nela ecos de uma condição humana compartilhada. Juntos, esses autores mostram que a literatura é um laboratório de possibilidades que vai além do espelhamento da realidade, onde a linguagem, por meio da metáfora, desestabiliza, reinventa e, acima de tudo, transforma.

Por fim, este trabalho reforça a relevância de se pensar a metáfora como um eixo central da criação literária, superando as restrições de seu uso como mero recurso estilístico. Kafka e Borges, em seu diálogo implícito, desafiam-nos a repensar os limites da linguagem e a encarar a literatura como um espaço de contínua reinvenção, do indivíduo, da tradição e do próprio sentido.

Referências

- ABRAMS, Meyer Howard. *A glossary of literary terms*. Cengage, 1999.
- ANDERS, Günther. *Kafka: Pró E Contra: Os Autos Do Processo*. Cosac Naify, 2007. Disponível em: <https://joaocamillopenna.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/02/anders-gunther-kafka-pro-contra.pdf>. Acesso em: 18 out. 2024.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Sousa. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BORGES, Jorge Luis. *Inquisiciones*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1994.
- BORGES, Jorge Luis. Kafka y sus precursores. In: *Otras inquisiciones*. Buenos Aires: Sur, 2000. p. 83-89.
- BORGES, Jorge Luis. La metáfora. In: *Siete noches*. Buenos Aires: Emecé, 2004. p. 351-354.
- BORGES, Jorge Luis. *Siete noches*. Cidade do México: Editorial Meló S. A., 1980.
- BULACIO, Cristina. *Los escándalos de la razón en Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Editorial Victoria Ocampo, 2003.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- CAMUS, Albert. A esperança e o absurdo em Kafka. In: *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 91-95.

CARPEAUX, Otto Maria. Franz Kafka e o mundo invisível. In: *Ensaio reunidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 210-220.

CARPEAUX, Otto Maria. O silêncio de Kafka. In: *Ensaio reunidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 121-123.

CORDEIRO, Roselaine de Lima. *A metáfora que mobiliza: uma leitura da crítica “ciúme e dúvida póstuma [Dom Casmurro, de Machado de Assis]”*. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019.

KAFKA, Franz. *Investigations of a Dog, and Other Creatures*. Nova Iorque: New Directions Books, 2017.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

KAFKA, Franz. *O veredicto/Na colônia penal*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LA METÁFORA. Massachusetts: *Conferencias Norton*, 1967. Son. Legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ie6LE8a9dz4&list=PLqS0wedSG2MZfOeejaX1-82o3RB_dQFto&index=8. Acesso em: 11 set. 2024.

MASSUH, Gabriela. *Una estetica del silencio*. Buenos Aires: Editorial del Belgrano, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. *O livro do filósofo*. São Paulo: Moraes Ed., 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*. In: MARÇAL, Jairo. (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED, 2009. p. 530 - 541.

ORTIZ, Edilaine; TEIXEIRA, Marcos Vinícius. Entre o humano, o objeto e o abjeto: um estudo do insólito em “O piano”, de Aníbal Machado, e em A metamorfose, de Franz Kafka. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, v. 12, n. 1, p. 90-104, 2019.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PERLOFF, Marjorie. *Edge of Irony: Modernism in the Shadow of the Habsburg Empire*. University of Chicago Press, 2016.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Loyola, 2011.

SUAREZ, Rosana. *Nietzsche e a linguagem*. Rio de Janeiro: Companhia 7letras, 2011.

VACCARO, Alejandro Giorgie. *Una vida de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Editorial proa 1996.

VALLE, Diego Gomes do. “COMBATER E VENCER O EU É O MESMO QUE SE DESTRUIR?”: Confluências identitárias em David Foster Wallace e Franz Kafka. In: *Língua(gem), discurso e subjetividade*. 2023. Disponível em:

https://docs.google.com/document/d/1UQ4C8KaCdCKCmVx_DraH8_C3Ki2BMHDoPWRbGTs99Y/edit?pli=1&tab=t.0. Acesso em: 02 dez. 2024.

WAHNÓN, Sultana. *Lenguaje y Literatura*. Barcelona: Ediciones Octaedro, 1995.

WALLACE, David Foster. Alguns comentários sobre a graça de Kafka. In: *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

YELIN, Julieta. Kafka y el ocaso de la metáfora animal. Notas sobre la voz narradora en "Investigaciones de un perro". *Anclajes*, v. 15, n. 1, p. 81-93, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=22435826006>. Acesso em: 30 nov. 2024.

RESUMEN: Este trabajo analiza las relaciones entre Franz Kafka y Jorge Luis Borges a través del concepto de metáfora, tomando *La metamorfosis* como eje central. Mientras Kafka opera una radical literalización metafórica, Borges explora la metáfora como vehículo de universalización, conectando imágenes literarias con tradiciones transhistóricas. La investigación se estructura en tres ejes: (1) la metáfora como instrumento cognitivo; (2) la materialización kafkiana del absurdo; y (3) los ensayos borgianos, que reinterpretan a Kafka como creador de sus precursores. El análisis demuestra cómo estos autores representan vertientes complementarias de la modernidad: Kafka con su enfoque existencial y corpóreo, Borges con su perspectiva universalizante. El estudio destaca además cómo la intertextualidad, según la propuesta de Borges, transforma nuestra lectura del canon literario, situando a Kafka como figura central en la redefinición de las relaciones entre lenguaje y realidad. Se concluye que el diálogo entre estas concepciones de metáfora —como experiencia concreta en Kafka y como conexión cultural en Borges— amplía tanto la interpretación textual como la comprensión del quehacer literario moderno, revelando la metáfora no como un mero recurso estilístico, sino como un operador fundamental en la construcción de sentidos literarios.

PALABRAS CLAVE: Metáfora; Franz Kafka; Jorge Luis Borges; *La metamorfosis*; Literalización.